

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

NOVEMBRO DE 1865

Nº 11

A Sociedade Espírita de Paris aos Espíritas da França e do Estrangeiro

Caríssimos e mui honrados irmãos em crença,

Uma circunstância recente forneceu aos nossos adversários ocasião para repetirem contra nossa doutrina certos ataques que, pela violência, ultrapassaram tudo quanto tinha sido feito até hoje, e para despejarem sobre os seus adeptos o sarcasmo, a injúria e a calúnia. A opinião de algumas pessoas pode ter sido desviada por algum instante, mas os protestos, verbais ou escritos, foram tão gerais, que já voltam atrás. Todos vós compreendestes que o Espiritismo está assentado em bases inabaláveis para receber qualquer ataque, e esse motim não poderá senão popularizá-lo e fazê-lo mais bem compreendido.

É próprio de todas as grandes verdades receber o batismo da perseguição. As animosidades que o Espiritismo levanta são a prova de sua importância, porquanto, se o julgassem sem valor, com ele não se preocupariam. No conflito que acaba de ser levantado, todos os espíritas guardaram a calma e a moderação, que

são os sinais da verdadeira força; todos suportaram o choque com coragem e ninguém duvidou do resultado. Ficai, pois, convencidos de que esta atitude, ao mesmo tempo digna e firme, oposta às invectivas e à acrimônia da linguagem de nossos antagonistas, não deixa de fazer refletir e ter grande peso sobre a opinião. O público imparcial não se engana; mesmo sem tomar o fato e a causa por um ou por outro, uma secreta simpatia a atrai para aquele que, na discussão, sabe conservar sua dignidade; a comparação lhe é sempre vantajosa. Assim, estes últimos acontecimentos conquistaram numerosos partidários ao Espiritismo.

Nesta circunstância, a Sociedade de Paris sente-se feliz ao oferecer a todos os seus irmãos da França e do estrangeiro suas felicitações e seus sinceros agradecimentos. Nas novas lutas que poderão ocorrer, ela conta com eles, como eles podem contar com ela.

Recebei, senhores e caros irmãos, a certeza de nosso inteiro e afetuoso devotamento.

*Pelos membros da Sociedade, o Presidente,
Allan Kardec*

(Votada por unanimidade na sessão de 27 de outubro de 1865).

Alocução

**NA REABERTURA DAS SESSÕES DA SOCIEDADE DE PARIS,
EM 6 DE OUTUBRO DE 1865**

Senhores e caros colegas,

No momento de retomar o curso de nossos trabalhos, é para todos nós, e para mim em particular, uma grande satisfação nos encontrarmos todos reunidos. Sem dúvida vamos reencontrar

nossos bons guias espirituais; façamos votos para que, graças ao seu concurso, este ano seja fecundo em resultados. Permiti que vos dirija nesta ocasião algumas palavras de circunstância.

Depois de nossa separação, fez-se um grande ruído a propósito do Espiritismo. A bem dizer, só tive conhecimento ao retornar, porque apenas alguns ecos chegaram até mim em meio à minha solidão nas montanhas.

A respeito não entrarei em detalhes, que hoje seriam supérfluos. Quanto à minha apreciação pessoal, vós a conheceis pelo que disse na *Revista*. Apenas acrescentarei uma palavra: é que tudo vem confirmar minha opinião sobre as conseqüências do que se passou. Sinto-me feliz por ver que esta apreciação é compartilhada pela grande maioria, se não pela unanimidade dos espíritas, de que tenho provas diárias em minha correspondência.

Um fato evidente ressalta da polêmica encetada por ocasião dos irmãos Davenport: é a absoluta ignorância das críticas em relação ao Espiritismo. A confusão que eles estabeleceram entre o Espiritismo sério e a charlatanice por certo pode induzir, momentaneamente, algumas pessoas em erro, mas é notório que a própria excentricidade de sua linguagem levou muita gente a indagar o que ele tem de justo, e grande foi sua surpresa ao encontrar coisa completamente diversa de passes de mágica. Como já disse, o Espiritismo só tem a ganhar com isso, por ser mais bem conhecido e melhor apreciado. Esta circunstância, que está longe de ser obra do acaso, incontestavelmente apressará o desenvolvimento da doutrina. Pode-se dizer que é um esforço sobre-humano, cujo alcance não tardará a fazer-se sentir.

Aliás, em breve o Espiritismo entrará numa nova fase que, forçosamente, chamará a atenção dos mais indiferentes, e o que acaba de passar-se aplanará os caminhos. Então se realizará aquela palavra profética do abade D..., cuja comunicação citei na

Revista: “Os literatos serão os vossos mais poderosos auxiliares.” Eles já o são, sem o querer; mais tarde sê-lo-ão voluntariamente. Preparam-se circunstâncias que precipitarão este resultado, e é com segurança que digo que nestes últimos tempos os negócios do Espiritismo avançaram mais do que se poderia imaginar.

Desde nossa separação soube muitas coisas, senhores. Porque não penseis que durante esta interrupção de nossos trabalhos eu tenha ido gozar as doçuras do *far niente*. É verdade que não visitei centros espíritas, mas nem por isto vi menos ou deixei de observar. Assim, trabalhei muito.

Os acontecimentos marcham com rapidez, e como os trabalhos que me restam terminar são consideráveis, devo apressar-me, a fim de estar pronto em tempo oportuno. Em face da grandeza e da gravidade dos acontecimentos que tudo faz pressentir, os incidentes secundários são insignificantes; as questões passam, mas as coisas capitais permanecem.

Assim, não se deve ligar às coisas senão uma importância relativa; no que me concerne pessoalmente, devo afastar de minhas preocupações o que é apenas secundário, pois poderia retardar-me ou me desviar do objetivo principal. Este objetivo se desenha cada vez mais claramente, e o que apreendi nessas reuniões foi, sobretudo, os meios de o atingir mais seguramente e de superar os obstáculos.

Deus me guarde da presunção de me julgar o único capaz, ou mais capaz do que outros, ou o único encarregado de realizar os desígnios da Providência. Não; longe de mim tal pensamento. Neste grande movimento renovador, tenho minha parte de ação. Assim, só falo do que me diz respeito; mas o que posso afirmar sem jactância é que, no papel que me incumbe, não me faltam coragem nem perseverança. Jamais falhei; mas hoje, que vejo a rota iluminar-se com uma claridade maravilhosa, sinto que as

forças cresceram. Jamais duvidei; mas hoje, graças às novas luzes que a Deus aprouve dar-me, estou certo, e digo a todos os nossos irmãos, com mais segurança do que nunca: Coragem e perseverança, porque um retumbante sucesso coroará os nossos esforços.

Malgrado o estado próspero do Espiritismo, seria enganar-se redondamente imaginar que de agora em diante ele vai marchar sem entraves. Ao contrário, deve-se esperar novas dificuldades, novas lutas. Assim, ainda teremos momentos penosos a atravessar, porque nossos adversários não se dão por vencidos e disputarão o terreno palmo a palmo. Mas é nos momentos críticos que se conhecem os corações sólidos, os devotamentos verdadeiros. É então que as convicções profundas se distinguem das crenças superficiais ou simuladas. Na paz não há mérito em ter coragem. Neste momento nossos chefes invisíveis contam com seus soldados e as dificuldades para eles são um meio de pôr em evidência aqueles sobre os quais podem apoiar-se. Também é para nós um meio de saber quem realmente está conosco ou contra nós.

A tática dos nossos adversários, nunca seria demais repetir, é neste momento procurar dividir os adeptos, lançando de permeio os pomos de discórdia, excitando os desfalecimentos verdadeiros ou simulados; e, é preciso dizer, eles têm como auxiliares certos Espíritos que se vêem perturbados pelo advento de uma fé que deve unir os homens num sentimento comum de fraternidade. Assim, esta palavra de um de nossos guias é perfeitamente certa: O Espiritismo põe em revolução o mundo visível e o mundo invisível.

Desde algum tempo os nossos adversários têm em mira as sociedades e as reuniões espíritas, onde semeiam em profusão os fermentos da discórdia e do ciúme. Homens de pouca visão, enceguecidos pela paixão, julgam ter conquistado uma grande

vitória, porque conseguiram causar algumas perturbações numa localidade, como se o Espiritismo estivesse enfeudado num lugar qualquer, ou encarnado em alguns indivíduos! Ele está em toda parte, na Terra e nas regiões etéreas; que, pois, o alcancem nas profundezas do espaço! O movimento está dado, não pelos homens, mas pelos Espíritos prepostos por Deus; é irresistível porque é providencial. Não é, pois, uma revolução humana, que se possa deter pela força material. Assim, quem se julgará capaz de o travar, porque atira um pedregulho debaixo da roda? pigmeu na mão de Deus, será levado pelo turbilhão.

Que todos os espíritas sinceros se unam, pois, numa santa comunhão de pensamento, para enfrentar a tempestade; que todos os que estão compenetrados da grandeza do objetivo ponham de lado as pueris questões acessórias; que façam calar as susceptibilidades do amor-próprio, para ver apenas a importância do resultado para o qual a Providência conduz a Humanidade.

Encaradas as coisas deste elevado ponto de vista, em que se torna a questão dos irmãos Davenport? Contudo, mesmo esta circunstância, embora muito secundária, é uma advertência salutar; impõe deveres especiais a todos os espíritas, e a nós em particular. Como se sabe, o que falta aos que confundem o Espiritismo com o charlatanismo é saber o que é o Espiritismo. Sem dúvida poderão sabê-lo pelos livros, quando se derem ao trabalho. Mas, o que é a teoria ao lado da prática? Não basta dizer que a doutrina é bela; é preciso que aqueles que a professam mostrem a sua aplicação. Cabe, pois, aos adeptos devotados à causa, provar o que ela é, por sua maneira de agir, quer em particular, quer nas reuniões, evitando com o máximo cuidado tudo que pudesse dar ensejo à malevolência e produzir nos incrédulos uma impressão desfavorável. Quem quer que se encerre nos limites dos princípios da doutrina poderá ousadamente desafiar a crítica e jamais incorrerá na censura da autoridade, nem nas severidades da lei.

A Sociedade de Paris, colocada em evidência mais que qualquer outra, deve dar o exemplo. Sentimo-nos todos felizes ao dizer que ela jamais faltou aos seus deveres e ter podido constatar a boa impressão produzida por seu caráter eminentemente sério, pela gravidade e pelo recolhimento que presidem às suas reuniões. É um motivo a mais para ela evitar escrupulosamente até as aparências do que poderia comprometer a reputação que adquiriu. Incumbe a cada um de nós velar por isso, no próprio interesse da causa; é preciso que a qualidade de membro, ou de médium, lhe prestem seu concurso, quer a título de confiança ou de consideração. Conto, pois, com a cooperação de todos os nossos colegas, cada um no limite de seu poder. Não se deve perder de vista que as questões pessoais devem apagar-se ante a questão de interesse geral. As circunstâncias em que vamos entrar são graves, repito, e cada um de nós terá sua missão, grande ou pequena. Por isso devemos pôr-nos em condições de a cumprir, pois nos serão pedidas contas. Peço me perdoeis esta linguagem um tanto austera na retomada de nossos trabalhos, mas é ditada pelas circunstâncias.

Senhores, em nossa primeira reunião um dos nossos colegas falta corporalmente à chamada; durante nossa separação, o Sr. Naut, pai de nossa boa e excelente espírita, a Sra. Breul, retornou ao mundo dos Espíritos, de onde, esperamos, se dignará vir até nós. Durante seus funerais, nós lhe rendemos um justo tributo de simpatia, que julgamos dever renovar hoje, e seremos felizes se, daqui a pouco, ele quiser dirigir-nos algumas palavras e, no porvir, juntar-se aos Espíritos bons, que nos ajudam com seus conselhos.

Peçamos-lhes, senhores, que nos continuem a assistir.

Crítica a Propósito dos Irmãos Davenport

(2º artigo)

A agitação causada pelos irmãos Davenport começa a acalmar-se. Após a saraivada lançada pela imprensa contra eles e o Espiritismo, restam apenas alguns atiradores que, aqui e ali, queimam os últimos cartuchos, à espera de que outro assunto venha alimentar a curiosidade pública. De quem será a vitória? O Espiritismo está morto? É o que não tardarão a saber. Suponhamos que a crítica tenha matado os Srs. Davenport, o que não nos diz respeito; que resultado teria isto? O que dissemos em nosso artigo anterior. Em sua ignorância do que é o Espiritismo, ela atirou sobre aqueles senhores, exatamente como um caçador que atira num gato pensando atirar numa lebre: o gato morreu, mas a lebre corre sempre.

Dá-se o mesmo com o Espiritismo, que não foi nem podia ser atingido pelos golpes que caíam de lado. A crítica, pois, equivocou-se, o que teria evitado facilmente se se tivesse dado ao trabalho de verificar a etiqueta. Contudo, não lhes faltaram avisos; alguns escritores até confessaram a influência das refutações que lhes chegavam de todos os lados, e isto da parte das *mais honradas pessoas*. Isto não lhes deveria ter aberto os olhos? Mas, não; haviam se embrenhado por um caminho e não queriam recuar; era preciso ter razão, custasse o que custasse. Muitas dessas refutações nos foram dirigidas; todas se distinguem por uma moderação que contrasta com a linguagem dos nossos adversários e, em sua maioria, são de perfeita justeza de apreciação. Certamente ninguém pretendeu impor sua opinião àqueles senhores; mas a imparcialidade sempre impõe um dever admitir as retificações para pôr o público em condições de julgar os prós e os contras. Ora, como é mais cômodo ter razão quando se fala sozinho, pouquíssimas dessas publicações viram a luz da publicidade. Quem

sabe mesmo se a maior parte foi lida? Então é preciso ser grato aos jornais que se mostraram menos exclusivos. Neste número está o *Journal des Pyrénées-Orientales* que, em seu número de 8 de outubro, contém a seguinte carta:

“Perpignan, 5 de outubro de 1865.

“Senhor Gerente,

“Não venho me lançar na polêmica; apenas solicito de vossa eqüidade que me permita, uma única vez, responder aos vivos ataques contidos na *carta parisiense*, publicada no último número de vosso jornal, contra os espíritas e o Espiritismo.

“Como os verdadeiros católicos, os verdadeiros espíritas não dão espetáculo público; estão penetrados do respeito de sua fé, aspiram ao progresso moral de todos e sabem que não é nos teatros de feira que se fazem prosélitos.

“Eis o que concerne aos irmãos Davenport.

“Haveria muito a dizer para refutar os erros do autor desses ataques irônicos; apenas direi que, tendo Deus dado ao homem o livre-arbítrio, atentar contra sua liberdade de crer, de pensar é colocar-se acima de Deus e, por conseguinte, um enorme pecado do orgulho.

“Dizer que esta nova ciência fez imensos progressos, que muitas cidades contam grande número de adeptos, que têm suas sedes, seus presidentes, e que suas reuniões incluem homens cultos, eminentes por sua posição na sociedade civil e militar, na advocacia, na magistratura, não é confessar que o Espiritismo está baseado na verdade?

“Se o Espiritismo não passa de um erro, por que se ocupam tanto com ele? O erro tem apenas uma duração efêmera,

é um fogo-fátuo, que dura algumas horas e desaparece. Se, ao contrário, é uma verdade, por mais que façais, nem o podereis destruir nem o deter. A verdade é como a luz: só os cegos lhe negam a beleza.

“Dizem também que o Espiritismo provocou casos de alienação mental. Direi isto: o Espiritismo não causou mais loucura que o Cristianismo e os demais cultos, que não podem ser responsabilizados pelos casos de idiotismo que se encontram muitas vezes entre os praticantes das diversas religiões; os espíritos transtornados estão sujeitos à exaltação e à perturbação. Deixemos, pois, de uma vez por todas, esse último argumento no arsenal das armas fora de uso.

“Termino esta resposta dizendo que o Espiritismo nada vem destruir, a não ser a crença nos castigos eternos. Ele fortalece a nossa fé em Deus; torna evidente que a alma é imortal e que o Espírito se depura e progride pelas reencarnações; prova-nos que as diferentes posições sociais têm sua razão de ser; ensina-nos a suportar nossas provações, sejam quais forem; enfim, demonstra-nos que um só caminho nos leva a Deus: o amor do bem, a caridade!

“Aceitai, Senhor Gerente, meus agradecimentos e minhas atenciosas saudações.

“Tenho a honra de ser o vosso servo.”

Breux

Todas as refutações que temos sob os olhos, e que foram dirigidas aos jornais, protestam contra a confusão que fizeram entre o Espiritismo e as sessões dos Srs. Davenport. Se, pois, a crítica persiste em prestar-lhe solidariedade, é porque quer.

Nota – Num outro artigo, que a falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número, examinaremos as

proposições mais importantes que ressaltam da polêmica suscitada a propósito dos Srs. Davenport.

Poesia Espírita

UM FENÔMENO

Fábula

Por uma noite assim dessas primaveris,
 Em que brilham nos céus as estrelas gentis,
 E que bons burgueses da cidade
 Falavam, caminhando e com tranqüilidade,
 Por espaçosas avenidas.
 Cada qual a seu turno as vistas estendidas
 Do solo aos campos celestiais,
 Sem dúvida pensais
 Que os assuntos de seus discursos
 Eram sobre o poder eternal, sem magia,
 E que os corpos submetem às leis sãs harmonia?
 Não: eles davam outros cursos
 Aos pensamentos seus; da bolsa à cotação,
 Das colheitas ao preço, eram toda a atenção
 Em que se nutria sua alma,
 Quando um deles disse, sem calma,
 Qual sob ação de súbito estupor:
 “Que vejo? Pode ser? uma estrela em fulgor?
 Ora se eleva... ora descendo!”
 E esfregando os olhos: “Que digo,
 Uma estrela... Pois creio, em minha fé, comigo,
 Salvo que seja um sonho e nele esteja crendo;
 Uma, duas ou três, quatro estrelas nos céus
 Movem-se e dançam em silêncio;
 Mistério estranho, a noite vence-o
 Com prazer ocultando-o nos seus véus!”
 E dos burgueses a alma atônita acompanha
 Suas fases fenomenais,
 Que em vão, para o explicar, se afadiga demais;
 Aí só do acaso a artimanha.
 Marcham, e entre os cordéis que lhes tocam na fronte

A sustentar pelo ar a cada papagaio
Quando de uma luz de ensaio
Ao sopro de uma brisa insonte;
E da criançada, autora enfim desse esplendor,
Perto dela riam com amor.

Que disseram depois dessa dupla surpresa,
Logo após seus desencantos?
Que pelos céus tais fogos tantos
Mero artifício são, obra se singeleza,
Para tolos levar a tão grandes espantos.
O horizonte também em púrpura se inflama,
E envolve a noite então de luz misteriosa;
Qual se de um meteoro a chama
Na escuridão dos céus resplandece radiosa;
Que uma estrela cadente em seus vivos anéis
Queira os campos do éter rasgar,
Estes burgueses bons, de olhos e braços no ar,
Vão tentar achar seus cordéis.

Se a verdade tem sempre alguma imitação,
Cabe-nos distinguir, e por comparação,
Toda a verdade da intrujice.
O ceticismo vão leva à charlatanice
Ante fatos que são da lei eterna até.
E para julgar bem qualquer causa ou efeito
Possa um cético ser aceito:
Se com modéstia, – e boa-fé.

C. Dombre, de Marmande

O Espiritismo no Brasil

EXTRATO DO DIÁRIO DA BAHIA

Sob o título de *A Doutrina Espírita*, o *Diário da Bahia* de 26 e 27 de setembro de 1865 contém dois artigos, que não passam da tradução em português dos que foram publicados há seis anos pelo Dr. Déchambre, na *Gazette médicale* de Paris.

Acabava de aparecer a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* e é dessa obra que o Sr. Déchambre faz um relato semiburlesco. Mas, a propósito, ele prova historicamente, e por citações, que o fenômeno das mesas girantes é mencionado em Teócrito, sob o nome de *Koskeinomantéia*, adivinhação pelo *crivo*, porque então se serviam de crivo para esse gênero de operação, e daí conclui, com a lógica ordinária dos nossos adversários, que não sendo um fenômeno novo, não tem qualquer fundo de realidade. Para um homem de ciências positivas – forçoso é convir – aí está um argumento singular. Lamentamos que a erudição do Sr. Déchambre não lhe tivesse permitido remontar ainda mais alto, porque o teria encontrado no antigo Egito e nas Índias. Um dia voltaremos a esse artigo, que tínhamos perdido de vista e que faltava à nossa coleção. Enquanto esperamos, apenas perguntamos ao Sr. Déchambre: deve-se rejeitar a medicina e a física modernas, porque seus rudimentos se encontram de permeio às práticas supersticiosas da Antiguidade e da Idade Média? Se a sábia química de hoje não teve o seu berço na alquimia, e a astronomia o seu na astrologia judiciária? Por que então os fenômenos espíritas que, em última análise, não passam de fenômenos naturais, cujas leis não se conheciam, também não se encontrariam nas crenças e práticas antigas?

Como esse artigo foi reproduzido pura e simplesmente, sem comentários, nada prova, da parte do jornal brasileiro, uma hostilidade sistemática contra a doutrina. É mesmo provável que não a conhecendo, julgou nele achar uma apreciação exata. O que o provaria foi a sua pressa em inserir, no número seguinte, de 28 de setembro, a refutação que os espíritas da Bahia lhe dirigiram, e que estava assim concebida:

“Senhor redator,

“Como sois de boa-fé, no que concerne à doutrina do Espiritismo, rogamos que também vos dignéis publicar no *Diário*

uma passagem de *O Livro dos Espíritos*, do Sr. Allan Kardec, já na décima terceira edição, a fim de que vossos leitores possam apreciar, em seu justo valor, a reprodução que fizestes de um artigo da *Gazette médicale* de Paris, escrito há mais de seis anos, pelo Dr. Déchambre, contra essa mesma doutrina, na qual se reconhece que o dito médico não foi fiel nas citações, que fez, de *O Livro dos Espíritos*, visando depreciar essa doutrina.

“Somos, senhor redator, vossos amigos reconhecidos,

Luís Olímpio Teles de Menezes
José Álvares do Amaral
Joaquim Carneiro de Campos”

Segue, como resposta e refutação, um extrato muito extenso da introdução de *O Livro dos Espíritos*.

Com efeito, as citações textuais das obras espíritas são a melhor refutação das deturpações que certos críticos fazem sofrer a doutrina. A doutrina se justifica por si mesma, razão por que não sofre com isso. Não se trata de convencer os seus adversários de que ela é boa, o que, na maioria das vezes, é tempo perdido, porquanto, em boa justiça, têm inteira liberdade de achá-la má, mas simplesmente de provar que ela diz o contrário do que a fazem dizer. Cabe ao público imparcial julgar, pela comparação, se ela é boa ou má. Ora, como ela recruta incessantemente novos partidários, a despeito de tudo quanto puderam fazer, é prova de que não desagrada a todo o mundo, e que os argumentos que lhe opõem são impotentes para desacreditá-la. Pode-se ver por esse artigo que ela não tem nacionalidade e dá a volta ao mundo.

O Espiritismo e a Cólera

Sabe-se de que acusações eram vítimas os primeiros cristãos em Roma. Não havia crimes de que não fossem capazes,

nem desgraças públicas que, no dizer de seus inimigos, eles não fossem os autores voluntários ou a causa involuntária, porque sua influência era perniciosa. Dentro de alguns séculos ter-se-á dificuldade em crer que espíritos fortes do século dezenove tenham tentado ressuscitar essas idéias no que concerne aos espíritas, declarando-os autores de todas as perturbações da sociedade, comparando sua doutrina à peste e estimulando a sua perseguição. Isto é história impressa; estas palavras foram despejadas de mais de uma cátedra evangélica; mas o que é mais surpreendente, é que são encontradas nos jornais, que dizem falar em nome da razão e se arvoram em campeões de todas as liberdades e, em particular, da liberdade de consciência. Já possuímos uma coleção assaz curiosa, de amenidades desse gênero, que nos propomos mais tarde reunir num volume, para maior glória de seus autores e para edificação da posteridade. Assim, seremos gratos aos que nos ajudarem a enriquecer essa coleção, enviando-nos tudo o que, em seu conhecimento, apareceu ou aparecerá a respeito. Comparando esses documentos da história do Espiritismo com os da história dos primeiros séculos da Igreja, ficar-se-á surpreso de neles encontrar pensamentos e expressões idênticos. Aí só falta uma coisa: as feras do circo, o que já é um progresso.

Sendo, pois, o Espiritismo uma peste eminentemente contagiosa, uma vez que, segundo seus adversários, invade com terrível rapidez todas as classes da sociedade, tem certa analogia com a cólera. Assim, neste último levante, certos críticos o chamaram jocosamente de *Spirito-morbus*, e nada haveria de surpreendente se o acusassem de haver importado o flagelo; porque é notável que dois campos diametralmente opostos se dêem as mãos para o combater. Em um, ao que nos disseram, cunharam uma medalha com a efígie de São Bento, que basta usar para se preservar do contágio espírita. Não se diz se esse meio cura os que são atingidos pelo mal.

Realmente há uma analogia entre o Espiritismo e a cólera: é o medo que um e outro causam a certa gente. Mas

consideremos a coisa de um ponto de vista mais sério. Eis o que nos escreveram de Constantinopla:

“...Os jornais vos informaram do rigor com que o terrível flagelo acaba de assolar nossa cidade e seus arredores, posto atenuasse seus efeitos desastrosos. Algumas pessoas, que se dizem bem informadas, elevam o número de coléricos mortos a setenta mil, e outros a cerca de cem mil. A verdade é que fomos rudemente provados, e podeis imaginar as dores e o luto geral de nossas populações. É principalmente nestes tristes momentos dessa horrenda epidemia que a fé e a crença espíritas dão coragem; acabamos de dar a mais verídica das provas. Quem sabe se não devemos a essa calma da alma, a essa persuasão da imortalidade, a essa certeza das existências sucessivas, em que os seres são recompensados segundo seu mérito e seu grau de adiantamento; quem sabe, digo eu, se não é por essas crenças, bases de nossa bela doutrina, que nós todos, espíritas de Constantinopla que, como sabeis, somos bastante numerosos, devemos ter sido preservados do flagelo que se espalhou e ainda se espalha à nossa volta! Digo isto tanto mais quanto foi constatado, aqui e alhures, que o medo é o prenúncio mais perigoso da cólera, como a ignorância infelizmente se torna uma fonte de contágio...”

Repos Filho, advogado

Certamente seria absurdo acreditar que a fé espírita fosse um diploma de garantia contra a cólera. Mas, como está cientificamente reconhecido, o medo, ao mesmo tempo enfraquecendo o moral e o físico, torna as pessoas mais impressionáveis e mais susceptíveis de serem acometidas pelas doenças infecciosas; evidente, assim, que toda causa tendente a fortalecer o moral é um preservativo. Isto hoje é tão bem compreendido que se evita, tanto quanto possível, quer nos relatórios, quer nas disposições materiais, aquilo que possa ferir a imaginação por seu aspecto lúgubre.

Sem dúvida os espíritas podem morrer de cólera, como todo o mundo, porque seu corpo não é mais imortal que o dos outros e porque, quando chegar a hora, é preciso partir, seja por esta ou por outra causa. A cólera é uma das causas que não tem como particularidade senão levar maior número de pessoas ao mesmo tempo, o que produz mais sensação. Parte-se em massa, em vez de individualmente – eis toda a diferença. Mas a certeza que têm do futuro e, sobretudo, o conhecimento desse futuro, que corresponde a todas as aspirações e satisfaz à razão, fazem que absolutamente não lamentem a Terra, onde se consideram em exílio passageiro. Enquanto em presença da morte o incrédulo só vê o nada, ou pergunta o que vai ser de si, o espírita *sabe* que, se morrer, apenas será despojado de um invólucro material, sujeito aos sofrimentos e às vicissitudes da vida, mas será sempre *ele*, com um corpo etéreo, inacessível à dor; que gozará de percepções novas e de maiores faculdades; que vai encontrar aqueles a quem amou e que o esperam no limiar da verdadeira vida, da vida imperecível. Quanto aos bens materiais, sabe que deles não mais necessitará, e que os prazeres que proporcionam serão substituídos por outros mais puros e mais invejáveis, que não deixam em seu rasto nem amarguras nem pesares. Assim, abandona-os sem dificuldade e com alegria, lamentando os que, ficando na Terra, ainda irão precisar deles. É como aquele que, tornando-se rico, abandona seus trajes velhos aos infelizes. Por isso, ao deixar os amigos, lhes diz: não me lastimeis; não choreis minha morte; antes me felicitai, por estar livre das preocupações da vida e por entrar num mundo radioso, de onde vos esperarei.

Quem quer que tenha lido e meditado nossa obra *O Céu e o Inferno segundo o Espiritismo* e, sobretudo, o capítulo sobre o *temor da morte*, compreenderá a força moral que os espíritas haurem em sua crença, diante do flagelo que dizima as populações.

Segue-se daí que devam negligenciar as precauções necessárias em casos semelhantes e baixar a cabeça ante o perigo? De modo algum: tomarão todas as cautelas exigidas pela prudência

e uma higiene racional, porque não são fatalistas e porque, se não temem a morte, sabem que não devem procurá-la. Ora, não levar em conta as medidas sanitárias que os podem preservar seria verdadeiro suicídio, cujas conseqüências conhecem muito bem para a elas se exporem. Consideram como um dever velar pela saúde do corpo, porque a saúde é necessária para a realização dos deveres sociais. Se buscam prolongar a vida corporal, não é por apego à Terra, mas para ter mais tempo para progredir, melhorar-se, depurar-se, despojar-se do velho homem e adquirir mais soma de méritos para a vida espiritual. Mas, se a despeito de todos os cuidados, devem sucumbir, tomam o seu partido sem queixa, sabendo que todo progresso traz os seus frutos, que nada do que se adquire em moralidade e em inteligência fica perdido, e que se não desmereceram aos olhos de Deus, serão sempre melhores no outro mundo do que neste, ainda mesmo que ali não ocupem o primeiro lugar. Apenas dizem: Vamos um pouco mais cedo aonde iríamos um pouco mais tarde.

Crê-se que com tais pensamentos não se esteja nas melhores condições de tranqüilidade de espírito recomendada pela Ciência? Para o incrédulo ou para o que duvida, a morte tem todos os seus terrores, porque perde tudo e nada espera. Que pode dizer um médico materialista para acalmar nos doentes o medo de morrer? Nada do que certo dia um deles dizia a pobre coitado que tremia à simples palavra cólera: “Ah! enquanto não se está morto, há esperança; depois, em última análise, só se morre uma vez e logo tudo passa; quando se está morto, *tudo está acabado*; não se sofre mais.” Tudo está acabado quando se está morto, eis o supremo consolo que ele dá.

Ao contrário, o médico espírita diz ao que vê a morte à sua frente: “Meu amigo, vou empregar todos os recursos da Ciência para vos restabelecer a saúde e vos conservar o maior tempo possível; espero que sejamos bem-sucedidos. Mas a vida do homem está nas mãos de Deus, que nos chama quando terminado nosso

tempo de prova na Terra; se a hora de vossa libertação tiver chegado, rejubilai-vos, como o prisioneiro que vai sair da prisão. A morte nos desembaraça do corpo que nos faz sofrer e nos restitui à verdadeira vida, vida isenta de perturbações e misérias. Se deveis partir, não penseis que estejais perdido para os vossos parentes e amigos que ficaram. Não, não estareis menos no meio deles; vê-los-eis e os ouvireis melhor do que podeis fazê-lo neste momento. Vós os aconselhareis, os dirigireis, os inspirareis para o bem. Se, pois, aprouver a Deus vos chamar a Ele, agradecei-lhe por vos restituir a liberdade; se prolongar a vossa estada aqui, agradecei-lhe ainda por vos dar tempo de concluir a vossa tarefa. Na dúvida, submetei-vos sem murmurar à sua santa vontade.”

Tais palavras não são propícias a trazer serenidade à alma, e esta serenidade não secunda a eficácia dos remédios, enquanto a perspectiva do nada mergulha o moribundo na ansiedade do desespero?

Além desta influência moral, o Espiritismo tem outra mais material. Sabe-se que os excessos de todo gênero são uma das causas que mais predis põem para a epidemia reinante. Assim, os médicos recomendam sobriedade em tudo, prescrição salutar, à qual muita gente tem dificuldade de se submeter. Admitindo que o façam, é sem dúvida um ponto importante, mas é de crer-se que uma abstenção momentânea possa reparar instantaneamente as desordens orgânicas causadas por abusos inveterados, degenerados em hábito, que consumiram o corpo e, por isto mesmo, o tornaram acessível aos *miasmas deletérios*?²⁸ Fora da cólera, não se sabe quanto

28 **N. do T.:** *Grifos nossos*. Isto se aplica particularmente às doenças infecto-contagiosas, cuja manifestação é facilitada pela queda da imunidade celular, que tem, como parte de sua gênese, o depauperamento do organismo, provocado pelos excessos de toda ordem, de que a síndrome da imunodeficiência adquirida – AIDS – é um dos exemplos mais patentes. Embora utilizando terminologia em voga na época, Allan Kardec captou perfeitamente o espírito da questão; seu pensamento, também neste campo, é judicioso e pleno de atualidade.

é pernicioso o hábito da intemperança nos climas tórridos, e naqueles onde a febre amarela é endêmica? Pois bem! o espírito – por efeito de suas crenças e da maneira pela qual encara o objetivo da vida presente e o resultado da vida futura – modifica profundamente os seus hábitos; em vez de viver para comer, come para viver; não pratica nenhum excesso; não vive como cenobita. Assim, usa de tudo, mas não abusa de nada. Isto deve ser, com certeza, uma consideração preponderante a acrescentar à que faz valer o nosso correspondente de Constantinopla.

Eis, pois, um dos resultados desta doutrina, sobre a qual a incredulidade lança a injúria e o sarcasmo; que ridiculariza, tacha de loucura e, segundo ela, traz perturbação à sociedade. Guardai vossa incredulidade, se ela vos apraz, mas respeitai uma crença que torna felizes e melhores os que a possuem. É loucura acreditar que nem tudo se acaba com a vida? que depois da morte vivemos uma vida melhor, isenta de preocupações? que voltamos ao meio daqueles a quem amamos? que ao morrer não somos mergulhados nas chamas eternas, sem esperança de sair, o que equivaleria ao nada, nem perdidos na ociosa e beatífica contemplação do infinito? Ah! quisera Deus fossem loucos todos os homens! Haveria entre eles muito menos crimes e suicídios.

Numerosas comunicações foram dadas sobre a cólera; várias o foram na Sociedade de Paris ou no nosso círculo íntimo. Reproduzimos apenas duas, fundidas numa só, para evitar as repetições, e porque resumem o pensamento dominante da maioria.

(Sociedade de Paris – Médiuns: Srs. Desliens e Morin)

Já que a cólera é uma questão de atualidade e cada um traz o seu remédio para rechaçar o terrível flagelo, eu me permitirei, se o quiserdes, dar também a minha opinião, embora me pareça pouco provável que tenhais de temer os doentes de maneira cruel.

Entretanto, como é bom que na ocasião não faltem os meios, ponho minha pouca luz à vossa disposição.

Dizem que essa afecção não é imediatamente contagiosa, e os que se acham numa localidade onde ela se alastra, não devem temer cuidar dos doentes.

Não existe remédio universal contra essa moléstia, seja preventivo, seja curativo, considerando-se que o mal se complica de uma porção de circunstâncias que ora se devem ao temperamento dos indivíduos, ora ao seu estado moral e aos seus hábitos, ora às condições climáticas, o que faz que tal remédio dê resultado em certos casos e não em outros. Pode dizer-se que a cada período de invasão e conforme as localidades, o mal deve ser objeto de estudo especial e requer uma medicação diferente. É assim, por exemplo, que em 1832 e 1849 o gelo e o remédio caseiro puderam curar numerosos casos de cólera em certas regiões, mas deram resultados negativos em outras épocas e em países diferentes. Há, pois, uma imensidão de remédios bons, mas nenhum que seja específico. É essa diversidade nos resultados que tem confundido, e ainda confundirá por muito tempo a Ciência, e faz que nós mesmos não possamos dar um remédio aplicável a todo o mundo, porque a natureza do mal não o comporta. Há, contudo, regras gerais, frutos da observação, das quais importa não se afastar.

O melhor preservativo consiste nas precauções de higiene sabiamente recomendadas em todas as instruções dadas a respeito; passam pela limpeza, pelo afastamento de toda causa de insalubridade e dos focos de infecção, e pela abstenção de todos os excessos. A par disto, deve evitar-se a mudança de hábitos alimentares, a não ser para coibir as coisas debilitantes. É preciso evitar também os resfriados, as transições bruscas de temperatura e abster-se, salvo necessidade absoluta, de toda medicação violenta que possa trazer perturbação à economia.

Em casos semelhantes, sabeis que o medo, muitas vezes, é pior que o mal. Infelizmente o sangue-frio não se impõe; mas vós, espíritas, não precisais de nenhum conselho sobre este ponto, pois encarais a morte sem pestanejar e com a calma dada pela fé.

Em caso de ataque, importa não negligenciar os primeiros sintomas. O calor, a dieta, uma transpiração abundante, as fricções, a água de arroz, acrescida de algumas gotas de láudano, são medicamentos pouco custosos e cuja ação é muito eficaz, se aí vierem juntar-se a energia moral e o sangue-frio. Como muitas vezes é difícil conseguir o láudano na ausência de médico, pode-se substituí-lo, em caso de urgência, por qualquer outra composição calmante, especialmente pelo suco de alface, empregado em dose fraca. Aliás, basta ferver algumas folhas de alface em água de arroz.

A confiança em si e em Deus é, em tais circunstâncias, o primeiro elemento da saúde.

Agora, que a vossa saúde material está em segurança, permiti-me pensar em vosso temperamento espiritual, ao qual uma epidemia de outro gênero parece querer atacar. Nada temais desse lado; o mal só poderia atingir os seres a quem falta a verdadeira vida espiritual, porquanto, embora vivos, na verdade já estão mortos. Ao contrário, todos os que se devotarem à doutrina, para sempre e sem segundas intenções, nela colherão novas forças, para fazer frutificar os ensinamentos cuja transmissão consideramos um dever. Seja qual for, a perseguição é sempre útil; torna conhecidos os corações sólidos e, se alguns galhos mal presos se destacarem do tronco, os jovens rebentos, amadurecidos pelas lutas nas quais triunfarão, haverão de tornar-se homens sérios e prudentes. Assim, pois, muita coragem; marchai intemoratos na via que vos é traçada, e contaí com aquele que, na medida de suas forças, jamais vos faltará.

Doutor Demeure

Um Novo Nabucodonosor

Escrevem-nos de Charkow (Rússia):

Escrevendo-vos, Sr. presidente, ousou esperar que o Espiritismo talvez venha lançar alguma luz sobre um fato, até hoje inexplicável, e que me parece oferecer um poderoso interesse. Colhi-o de testemunha ocular, parente próximo da pessoa em questão. Eis o que me contou.

Todos os membros da família R... se faziam notados pela originalidade do caráter e por suas inclinações. Mas aqui falarei apenas dos dois irmãos Alexandre e Voldemar. O que impressionava neste último eram os olhos, cuja impressão é impossível descrever. Criança brincávamos juntos; longe de ser poltrão, eu não podia, entretanto, suportar o seu olhar. Fiz a observação a meu pai, que me confessou experimentar, olhando-o, o mesmo sentimento de perturbação, e me aconselhou que o evitasse. Parece que Voldemar não era o favorito da família. Quando chegou à idade dos estudos sérios, os dois irmãos foram estudar na universidade de Kazan. Voldemar não tardou em deixar estupefatos mestres e colegas pelas atitudes fora do comum; muitas vezes se vangloriava em presença do irmão, que tinha escolhido para alvo de suas zombarias. Mas seus sucessos não duraram muito. Aos dezesseis anos, morreu nos braços do irmão. É deste último que vamos nos ocupar.

Embora em menor grau, Alexandre também possuía, em seus olhos negros, esse magnetismo fascinante, que tanto chocava em seu irmão; também não tinha suas brilhantes qualidades; mas isto não o impedia de ter muito espírito e de aprender com facilidade. A morte do irmão causou-lhe tal impressão que se tornou outro homem. Seis semanas depois, ficou sem abrir os olhos, deixou de se pentear, de se lavar, e não quis, sob nenhum pretexto, mudar de roupa, de modo que a roupa branca e o costume apodreciam-lhe no corpo e caíam em frangalhos.

Então sua mãe o levou para o campo. Um tio que não morava longe conseguiu que ela lhe confiasse o sobrinho por algum tempo, prometendo fazê-lo esquecer todas as suas fantasias. Com efeito, disse-lhe com muita severidade que se ele se atrevesse a manter semelhante atitude em sua casa, não teria escrúpulos quanto aos meios de o corrigir. Alexandre logo se tornou perfeitamente razoável; não ofereceu qualquer resistência às ordens do tio, mas escreveu secretamente à mãe, suplicando-lhe viesse livrá-lo de seu carrasco. A mãe atendeu logo ao seu desejo. Mas, uma vez longe do tio, as bizarrices recomeçaram cada vez mais. Entre outras coisas, exigia que tocassem os sinos da Igreja, quando se sentava à mesa. Pensaram num distúrbio do cérebro e o puseram numa casa de saúde de Kazan. Coisa estranha! Ainda desta vez mudou completamente. Nada em sua conduta, em suas palavras, denotava um cérebro doente. Os médicos pensaram numa intriga familiar e não o observaram mais de perto.

Certa noite, vendo que todos dormiam, pôs o barrete e vestiu o avental de um dos médicos, saiu do quarto, passou perto do porteiro sem ser reconhecido, ganhou a rua e andou cerca de 30 quilômetros²⁹ a pé, até sua fazenda. Entrou numa espécie de choupana, que servia de galinheiro, tirou toda a roupa e, pondo-se no meio da peça, declarou que dois metros quadrados³⁰ de terreno eram suficientes para a vida de um homem, e que de nada precisava. Sua mãe, de joelhos, em vão suplicou que mudasse de idéia; em vão tentaram persuadi-lo de que ao menos permitisse fazer um teto na sua choupana, mas ele permaneceu inflexível; quis ao seu lado apenas uma velha criada, que jamais o deixara e que tinha por ele uma fidelidade e um apego de cão. Seu pai, vendo que nada dava resultado, ordenou a todos os seus camponeses que deixassem o lugar e fossem estabelecer-se a 7 quilômetros dali. Ele próprio partiu, apelidando o vilarejo de “Aldeia Perdida.” Então

29 N. do T.: No original, 30 *verstas*, antiga medida itinerária russa equivalente a 1.067 metros.

30 N. do T.: No original, 2 *toesas*, medida equivalente a seis pés, cerca de 2 metros.

quiseram pôr a propriedade sob tutela. Nomearam comissões, mas Alexandre era sempre prevenido a tempo e se vestia, embora sem usar as roupas de baixo; depois vinha encontrar as pessoas. A todas as perguntas respondia com bom-senso, com uma justeza que nada deixava a desejar, e o fazia tão bem que a comissão, imaginando ao chegar que se tratava de um louco, retirava-se desapontada.

Isto se passava em 1842 e, até agora, Alexandre está sempre no mesmo estado. Mantém-se de pé, completamente despido, num casebre sem portas nem janelas, exposto a todos os ventos e onde, no inverno, o frio chega a 30^º abaixo de zero. Alimenta-se de um pouco de geléia de uva, que lhe trazem uma vez por dia, numa tigela de barro; atiram-na com uma colher e ele a apanha no ar, à maneira dos animais, dos quais adotou o rugido, pois não mais se serve da palavra humana. À força de manter a cabeça inclinada, não pode mais erguê-la; seus pés atingiram uma largura desmesurada e não pode mais andar. Algumas vezes, à noite, cai prostrado, permitindo que o cubram com uma pele de carneiro. Seu aspecto, aliás, nada apresenta de extraordinário, exceto os olhos. Nem é gordo nem magro; sua fisionomia estampa sofrimento. Uma vez lhe perguntaram a razão de sua conduta bizarra. Respondeu: “Não me faleis nisto, é uma falta de vontade.” Não conseguiram mais. Que entendia ele por falta de vontade? Era um voto?... Às vezes pronuncia o nome do irmão morto; outras vezes exclama: “Quando isto terminará?” Não segue nenhuma das regras impostas por sua religião. Tinham mandado seus cabelos a um célebre sonâmbulo de Londres; foi respondido que “*era a doença de Nabucodonosor.*”

E, contudo, ele não é louco! O que há de mais extraordinário é que ao lado dessa existência puramente bestial, há nele uma vida intelectual, pois se interessa por tudo o que se passa no mundo; manda trazer muitos jornais e, como sua casa é escura, permitiu construírem uma espécie de barraca ao lado do seu casebre. Era aí que outrora, durante horas inteiras, sua mãe lia para ele. Agora que ela está morta, foi substituída por uma leitora contratada.

A comissão encarregada de investigar o caso obteve os seguintes detalhes que, no fundo, apenas o embrulharam. D***, colega de Alexandre R... na universidade, depôs que, quando estavam juntos, pôde observar que ele estava muito apaixonado pela mulher de um farmacêutico; era uma criatura de rara beleza e, além disso, muito virtuosa. Diariamente Alexandre montava a cavalo, para ter o prazer de passar em frente às suas janelas e vê-la, às vezes, de longe, limitando-se a isto os seus amores. Contudo, vinham trazer-lhe todos os dias e à mesma hora, uma carta lacrada; e se houvesse alguém em seu quarto, ele se apressava em escondê-la numa gaveta. Persuadido de que fossem bilhetes amorosos, D*** não se interessava muito em lhes conhecer o conteúdo. Mais tarde, quando começaram as pesquisas, só encontraram duas cartas (havia queimado as demais), supondo-se que eram do número das que recebia na universidade. A primeira era mais ou menos vazada nestes termos: “Ontem me aconteceu uma coisa estranha. Eu voltava de nossa Suíça Russa (nome de um passeio nos arredores de Kazan) e atravessava o campo de Ars, quando ouvi gritar: Socorro! Também gritei e, precipitando-me para o lado de onde vinham os gritos, cheguei perto de um cemitério cercado. Vi aparecer em cima da cerca um rapaz que me agradecia vivamente a minha intervenção, dizendo que tinha sido atacado por ladrões; mas, ouvindo uma voz, fugiram. (Uma fábrica de tecidos estava situada no campo de Ars; como o trabalho tinha sido suspenso por algum tempo e os operários não encontrassem meios para ganhar o pão, entregaram-se ao roubo). Tomamos juntos o caminho da cidade, estabelecendo-se entre nós uma conversa muito interessante e animada. Não posso dizer-te aqui do que se tratava, mas direi quando nos encontrarmos.

“Enfim chegamos à casa do meu desconhecido e aí passei toda a tarde. Ao dizer adeus agradeceu-me ainda uma vez, sem, contudo, convidar-me a vir vê-lo em casa; apenas indicou-me um lugar onde passeava todos os dias a uma hora certa e onde, se eu quisesse, poderia vê-lo. O que há de estranho é que, de volta à minha casa, não me foi possível lembrar nem a rua, nem a casa que

acabara de deixar e, no entanto, conheço perfeitamente a cidade onde moro há quatro anos. Proponho-me ir ver o meu desconhecido no lugar indicado; tentarei introduzir-me em sua casa e, por certo, dessa vez me lembrarei.” Não havia assinatura.

Eis a segunda carta, que dá seqüência à precedente. Apenas é muito mais curta: “Vi o meu desconhecido no lugar indicado; convidou-me a vir à sua casa; passamos juntos a tarde inteira, mas, de volta à minha casa, esqueci por completo, mais uma vez, a rua e a casa.” Nada de assinatura. Examinando a letra atentamente, julgaram encontrar grande semelhança com a de um de seus camaradas. Mas quando as leram a este último, ele se pôs a rir, declarando que jamais havia escrito semelhantes coisas.

Aqui param todas as pesquisas. Supõe-se que haja nisto um grande mistério, e apenas três pessoas o podem saber. Primeiro sua mãe, depois a velha criada que não o deixava nunca e, finalmente, sua irmã. As duas primeiras estão mortas, a terceira mora com o marido no mesmo vilarejo que Alexandre. Vai vê-lo diariamente e ali passa três ou quatro horas seguidas. De que podem falar? Seu irmão esquece os rugidos para falar uma linguagem humana, voltando a ser racional? é o que ninguém sabe. O que há de singular é que esse fato tão extraordinário é muito pouco conhecido; jamais foi publicado por qualquer jornal e, no entanto, se passa bem perto de Kazan, cidade onde há uma universidade, cientistas e médicos. É verdade que no começo fizeram pesquisas, mas parece que desanimaram muito depressa. Contudo, que vasto campo para a observação da Ciência, sem falar do lado psicológico! É um fato atual, que cada um pode constatar.

O Espiritismo, que explica tanta coisa, poderia dar a solução desse estranho fenômeno? Não ousou pedir-vos uma resposta por escrito, já que o vosso tempo é muito precioso; apenas espero que se considerardes o fato digno do vosso exame, possais dar a vossa opinião na *Revista Espírita*, que aqui recebemos.

Aceitai, etc.

Uma coisa ressalta evidentemente desse relato: esse jovem não é louco, na acepção científica do termo; goza da plenitude da razão, quando quer. Mas qual pode ser a causa de semelhante excentricidade, nessa idade? Acreditamos que ainda se passará muito tempo antes que a Ciência a encontre, com seus recursos puramente materiais. Entretanto, existe algo mais além de simples mania: é a assimilação da voz e dos gestos dos animais. Tem-se visto, é verdade, criaturas abandonadas nas florestas, desde tenra idade, vivendo com as feras, adotando seus gritos e costumes por imitação; mas aqui não é o caso. O jovem fez estudos sérios, vivem em suas terras, no meio de um vilarejo; está em contato diário com seres humanos; não se trata, pois, de uma questão de hábito e de isolamento.

É, disse o sonâmbulo de Londres, a doença de Nabucodonosor. Mas que doença é esta? A história desse rei não é uma lenda? É possível que um homem se transforme em fera? Entretanto, se se confrontar o relato bíblico com o fato atual de Alexandre R..., notar-se-á entre eles mais de um ponto de semelhança. Compreende-se que o que se passa hoje pode ter-se passado em outros tempos, e que o rei da Babilônia tenha sido atingido por um mal semelhante. Se, pois, aquele rei, dominado por uma influência análoga, deixou seu palácio, como Alexandre R... o seu castelo; se viveu e gritou como ele, à maneira das feras, poder-se-ia dizer, na linguagem alegórica da época, que se tinha transmudado em fera. É verdade que isto destrói o milagre; mas quantos milagres caem hoje ante as leis da Natureza, que se descobrem todos os dias! A religião só tem a ganhar se aceitar como natural um fato que era repellido como maravilhoso. Quando os adversários do Espiritismo dizem que ele ressuscita o sobrenatural e a superstição, provam que lhe ignoram as primeiras palavras, já que ele vem, ao contrário, provar que certos fatos, reputados misteriosos, não passam de efeitos naturais.

Lido esse relato na Sociedade de Paris, como tema de estudo, pediu-se a um médium que evocasse os Espíritos que pudessem dar sua explicação. Foram obtidas as três comunicações seguintes: uma do irmão morto, Voldemar; a segunda do Espírito protetor dos dois irmãos; a terceira, do guia espiritual de outro médium.

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de outubro de 1865

– Médium: Sr. Desliens)

I

Eis-me aqui!... Que quereis?... Com que direito vos imiscuis em negócios de família e todos íntimos!... Sabei que ninguém jamais me ofendeu em vão, e temei incorrer em minha cólera, se buscardes penetrar um segredo que não vos pertence! Quereis ter a chave das razões que levam meu irmão a fazer semelhantes tolices?... Sabei que toda a causa reside em mim, que o puni desta maneira pela falta de fé, com que se tornou culpado a meu respeito. Um elo nos unia, elo terrível, elo da morte!... Que sofra, pois, a pena por uma falta que não poderia encontrar graça em mim!... Meu cúmplice na ação, devia seguir-me no suplício. Por que hesitou?... Hoje sofre a pena de suas hesitações.

Não podendo constrangê-lo a seguir-me, pelo menos imediatamente, empreguei a força magnética, que possuo em grau extremo, para obrigá-lo a abandonar a sua vontade e o seu ser ao meu livre-arbítrio. Ele sofre nessa posição!... tanto melhor! cada um de seus gemidos interiores me causa uma agitação de sombria satisfação.

Estais contentes com a minha urbanidade? achais suficientes as minhas explicações?... Não; quereis moralizar-me... Mas quem sois vós para me fazer pregações? sois padre? não. Pois

bem! a que título quereis que vos escute? Nada quero ouvir e volto ao lugar que não devia ter deixado. Ele compreende seus males neste momento; talvez sua vontade reaja sobre a matéria! Infelizes de vós se o fizerdes escapar ao meu domínio!

Voldemar R...

II

Não tenteis, pelo menos agora, obrigar esse pobre insensato a vos ouvir; não poderia fazê-lo e vossas palavras apenas excitariam sua raiva brutal. Venho em seu lugar dar-vos algumas explicações que lançarão um pouco de luz sobre o drama sombrio de que esses dois seres foram os atores em outra existência. Neste momento o expiam, sofrendo as conseqüências das ações criminosas, em cujos detalhes eu não poderia entrar hoje. Sabei apenas que, dessas duas individualidades, Alexandre foi, sob outro nome e noutra época, subordinado de Voldemar, numa condição social que podereis presumir por algumas palavras do relato que lestes. Meditai a passagem em que se diz que Alexandre exigia que tocassem o sino no começo de suas refeições, e estareis no caminho. Subordinado, como vos disse, a Voldemar, sob a instigação deste cometeu diversas ações, cuja responsabilidade ambos carregam hoje, e que são a fonte de seus sofrimentos.

Alexandre era e é ainda um caráter fraco e vacilante, quando uma causa qualquer dava a alguém o domínio sobre ele; para os outros era altivo, déspota, brutal. Em suma, estava sob o domínio do irmão. O que os dois fizeram é o que o futuro vos dirá na seqüência deste estudo. Passemos aos resultados.

Prometeram jamais se trair nem se abandonar. Além disso, Voldemar se reservou tripudiar, com toda a sua vontade poderosa, sobre o infeliz cúmplice. Vistes que ele o tinha tomado como alvo de suas zombarias, na fase de existência que percorreram juntos. Dotados de inteligência pouco comum, esses dois seres haviam formado anteriormente, pela associação de suas

inclinações más, uma temível liga contra a sociedade. Voldemar foi levado por um desígnio da Providência, que assim preparava o caminho da renovação desses dois seres. Dominado por sua promessa, Alexandre queria seguir o irmão no túmulo, mas sua afeição por uma pessoa, da qual se falou no relato, e a fadiga de um jugo que suportava a duras penas, fez tomasse a resolução de lutar. O irmão não o podia matar materialmente, mas o matou moralmente, envolvendo-o num emaranhado de influências que determinaram a cruel obsessão, cujas conseqüências conheceis.

O sonâmbulo que designou essa afecção sob o nome de *doença de Nabucodonosor* não estava tão longe da verdade quanto se podia crer, porque Nabucodonosor não passava de um obsedado, convencido de se ter transformado em fera. É, pois, uma obsessão que, como sabeis, não exclui a ação da inteligência e não a aniquila de maneira fatal. É um dos casos mais notáveis, cujo estudo só poderá ser proveitoso a todos. Nesta noite ele nos arrastaria muito longe, pelos desenvolvimentos que reclama. Limitar-me-ei a esta exposição, pedindo-vos ao mesmo tempo reunir vossas forças espirituais para evocar Voldemar. Como o teme com razão, em sua ausência o irmão recobra a energia e pode libertar-se. Eis por que lhe repugna deixá-lo e sobre ele exerce uma ação magnética contínua.

O guia de ambos,

Paulowitch

III

(Médium: Sra. Delanne)

Meus irmãos bem-amados, certos fatos referidos nas Escrituras são olhados, por muita gente, como fábulas para crianças. Desdenharam-nos, porque não os compreenderam e recusaram-lhes dar fé. No entanto, liberto da forma alegórica, o fundo é verdadeiro e só o Espiritismo poderia dar-lhe a chave. Vai produzir-se de diversas naturezas, não só nos espíritas, mas em

todo o mundo e por toda a Terra, forçando os cientistas a estudar, e é então que poderão convencer-se, a despeito do que digam alguns, que o Espiritismo ensina o novo, porque é por ele que se terá a explicação do que ficou inexplicado até hoje. Não se vos disse que a obsessão ia se ornar de novas formas? Este é um exemplo.

A punição de Nabucodonosor não é uma fábula. Ele não foi, como dissestes muito judiciosamente, transmudado em fera; mas estava, como no caso que vos ocupa neste momento, privado por algum tempo do livre exercício de suas faculdades intelectuais, e isto em condições que o assemelhavam à fera, fazendo do poderoso déspota objeto de piedade para todos. Deus o tinha ferido no seu orgulho.

Todas estas questões se ligam às do fluido e do magnetismo. Nesse rapaz há obsessão e subjugação; tem grande lucidez no estado de Espírito, e seu irmão exerce sobre ele uma influência magnética irresistível; atrai-o facilmente fora do corpo, quando uma pessoa amiga e simpática lá não está para o reter; sofre quando desprendido; para ele também é uma punição, e é então que solta rugidos ferozes.

Não vos apresseis, pois, em condenar o que está escrito nos livros sagrados, como faz a maioria dos que só vêem a letra e não o espírito. Diariamente vos esclareceis mais e novas verdades se desdobrarão aos vossos olhos, pois estais longe de ter esgotado todas as aplicações do que sabeis em Espiritismo.

São Bento

Resulta desta explicação eminentemente racional, que esse jovem está sob o império de uma obsessão, ou, melhor, de uma terrível subjugação, semelhante à que sofreu o rei Nabucodonosor. Isto destrói a justiça de Deus, que tinha punido esse monarca orgulhoso? De modo algum, pois sabemos que as obsessões são, ao mesmo tempo, provações e castigos. Assim,

Deus podia puni-lo, pondo-o sob o jugo de um Espírito malfazejo, que o constrangesse a agir como uma fera, sem, por isto, metamorfoseá-lo em animal. A primeira dessas punições é natural e se explica pelas leis das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; a outra é antinatural, fantástica e não se explica; uma se apresenta, em nossos dias, como uma realidade, sob as diversas formas da obsessão; a outra só se acha nos contos de fadas. Enfim, uma é aceitável pela razão, enquanto a outra não.

Do ponto de vista do Espiritismo, o fato oferece importante tema de estudo. A obsessão aí se apresenta sob um aspecto novo quanto à forma e quanto à causa determinante, mas que nada tem de surpreendente, depois do que nos tem sido dado ver diariamente. Muita razão tem São Bento, quando diz que estamos longe de haver esgotado todas as aplicações do Espiritismo, nem compreendido tudo quanto ele nos pode explicar. Tal como é, apresenta-nos uma rica mina a explorar, auxiliado pelas leis que nos dá a conhecer. Antes de dizer que está estacionário, saibamos, pois, tirar proveito do que nos ensina.

O Patriarca José e o Vidente de Zimmerwald

Um dos nossos assinantes de Paris escreve o seguinte:

“Lendo o número da *Revista Espírita* do mês de outubro, reporteime a uma passagem da Bíblia, que assinala um fato análogo à mediundiade do vidente da floresta de Zimmerwald. Ei-lo:

“Quando os irmãos de José saíram da cidade, e como ainda não haviam caminhado muito, José chamou o intendente de sua casa e lhe disse: Correi atrás dessa gente; parai-os e dizei-lhes:

Por que retribuís o bem com o mal? – A taça que roubastes é aquela em que meu Senhor bebe, e *da qual se serve para adivinhar*. Fizestes uma ação muito má.

“Quando os irmãos de José foram trazidos à sua presença, ele lhes disse:

“Por que agistes assim comigo? Ignorais que ‘ninguém me iguala na *ciência de adivinhar as coisas ocultas*?’ (Gênesis, 44:15).³¹

“O gênero de mediunidade que assinalais existia, pois, entre os egípcios e os judeus.”

C.,

Advogado

Com efeito, nada é mais positivo. José possuía a arte de adivinhar, isto é, de ver as coisas ocultas, servindo-se, para isto, de uma taça de beber, como o vidente de Zimmerwald se serve de seu copo. Se a mediunidade é uma faculdade demoníaca, eis um dos personagens mais venerados da antiguidade sacra convicto de agir pelo demônio. Se agisse por Deus, e os nossos médiuns pelo demônio, então o demônio faz o mesmo que Deus e, por conseguinte, o iguala em poder. Admiram-se de ver homens graves sustentarem semelhante tese, que aniquila sua própria doutrina.

31 N. do T.: Allan Kardec serviu-se, em todas as suas obras, da tradução de Lemaitre de Sacy, até hoje a versão francesa mais importante da Bíblia e uma das mais confiáveis do planeta. No Brasil, as versões protestantes mais recentes, sobretudo as ditas “atualizadas” de João Ferreira de Almeida, nem sempre têm se mantido fiéis aos trechos originais, notadamente quando suprimem, adaptam ou modificam palavras e expressões que possam confirmar os ensinamentos espíritas. O versículo acima, do Gênesis de Moisés, mereceu a seguinte versão de Almeida: “Que é isso que fizestes? Não sabíeis como eu que tal homem é capaz de adivinhar?” Assim descaracterizado, o versículo perde muito de sua força. No caso, é da mediunidade que ele trata.

O Espiritismo, pois, nem descobriu, nem inventou os médiuns, mas descobriu as leis da mediunidade, e a explica. Assim, é a verdadeira chave para a compreensão do Antigo e do Novo Testamentos, onde abundam os fatos deste gênero. Foi por falta dessa chave que se fizeram tantos comentários contraditórios, que nada explicam. A incredulidade ia crescendo incessantemente na direção desses fatos e invadia a própria Igreja. Doravante serão admitidos como fenômenos naturais, pois se reproduzem em nossos dias por leis conhecidas. Temos, assim, razão de dizer que o Espiritismo é uma ciência positiva, que destrói os últimos vestígios do maravilhoso.

Suponhamos que se tivessem perdido os livros dos Antigos, que nos explicam a teogonia pagã ou mitológica: compreender-se-ia hoje o sentido das inumeráveis inscrições que se descobrem diariamente, e que se referem mais ou menos diretamente a essas crenças? Compreender-se-iam o destino, os motivos de estrutura da maioria dos monumentos, cujos restos contemplamos? Saber-se-ia o que representa a maior parte das estátuas e baixos-relevos? Não, certamente. Sem o conhecimento da mitologia, todas as coisas para nós seriam letra morta, como a escritura cuneiforme e os hieróglifos egípcios. A mitologia é, pois, a chave com a ajuda tal qual reconstruiremos a história do passado, por meio de um fragmento de pedra, como Cuvier, com um osso, reconstruía um animal antidiluviano. Porque já não cremos nas fábulas das divindades pagãs, devemos negligenciar ou desprezar a mitologia? Quem emitisse tal pensamento seria tratado de bárbaro.

Pois bem! o Espiritismo, como crença na existência e na manifestação das almas, e como meio de com elas entreter-se; o magnetismo como meio de cura; e o sonambulismo, assim como a dupla vista, eram muito espalhados na antiguidade e se misturaram a todas as teogonias, mesmo à teogonia judaica, e mais tarde à cristã; aí é feita alusão a uma porção de monumentos e inscrições

que nos restam. Abarcando ao mesmo tempo o magnetismo e o sonambulismo, o Espiritismo é um farol para a Arqueologia e para o estudo da antiguidade. Estamos mesmo convencidos de que é uma fonte fecunda para a compreensão dos hieróglifos, porque essas crenças eram muito espalhadas no Egito, e seu estudo fazia parte dos mistérios ocultos ao vulgo. Eis alguns fatos em apoio dessa asserção.

Um de nossos amigos, sábio arqueólogo que reside na África, e que é, ao mesmo tempo, um espírita esclarecido, há alguns anos encontrou nos arredores de Sétif uma inscrição tumular, cujo sentido era absolutamente ininteligível sem o conhecimento do Espiritismo.

Lembramo-nos de ter visto no Louvre, há bastante tempo, uma pintura egípcia, representando um indivíduo deitado e adormecido, e um outro de pé, com os braços e os dedos dirigidos para o primeiro, sobre o qual fixava o olhar, na atitude exata de um homem que desse passes magnéticos. Dir-se-ia um desenho calcado na pequena vinheta que o Sr. barão du Potet punha outrora no frontispício de seu *Journal du Magnétisme*. Para qualquer magnetizador, não havia o menor equívoco quanto ao tema desse quadro; para quem quer que não tivesse conhecido o magnetismo, não fazia sentido. Só o fato provaria, se não houvesse uma porção de outros, que os antigos egípcios sabiam magnetizar, e que se entregavam ao magnetismo mais ou menos como nós. Então isto fazia parte de seus costumes, já que se achava consagrado num monumento público. Sem o magnetismo moderno, que nos dá a chave de certas alegorias, não o saberíamos.

Uma outra pintura egípcia, igualmente no Louvre, representava uma múmia de pé, envolvida por ataduras; um corpo da mesma forma e tamanho, mas sem faixas, destacava-se pela metade, como se sáísse da múmia, e um outro indivíduo, posto à

frente, parecia atraí-lo a si. Então não conhecíamos o Espiritismo e nos perguntávamos o que aquilo podia significar.

Hoje é claro que essa pintura alegórica representa a alma separando-se do corpo, conservando a aparência humana, e cujo desprendimento é facilitado pela ação de outra pessoa encarnada ou desencarnada, exatamente como nos ensina o Espiritismo.

Não creiais no Espiritismo, se vo-lo apraz; admiti que seja uma quimera: ninguém vo-lo impõe; estudaí-o como estudaíeis a mitologia, a título de simples ensinamento, mesmo rindo da credulidade humana, e vereis que horizontes ele vos abrirá, por pouco sério que sejais.

Dissertações Espíritas

O REPOUSO ETERNO

(Sociedade de Paris, 13 de outubro de 1865 – Médium: Sr. Leymarie)

Quando deixei o invólucro terreno, pronunciaram vários discursos sobre o meu túmulo, impregnados todos pela mesma idéia. Sonnez, meu amigo, ides gozar do repouso eterno. Alma, dizia o padre, repousai na contemplação divina. Amigo, repetia o terceiro, dorme em paz, após uma vida de tantas realizações. Enfim, era o repouso eterno contínuo, que ressaltava do fundo de tantos adeuses comoventes.

O repouso eterno! Que entendiam por esta expressão e pelas mesmas palavras continuamente repetidas, cada vez que um homem desaparecia na Terra e ia para o desconhecido?

Ah! meus amigos, dizeis que repousamos. Estranho erro! compreendeis o repouso à vossa maneira. Olhai ao redor de

vós: existe repouso? Neste momento as árvores vão despojar-se de seus envoltórios encantadores; tudo geme nesta estação; a Natureza parece preparar-se para a morte e, no entanto, se se procurar, achar-se-á a vida em preparação sob essa morte aparente; tudo se depura nesse grande laboratório terrestre: a seiva e a flor, o inseto e o fruto, tudo que deve adornar e fecundar.

Esta montanha, que parece ter uma imobilidade eterna, não repousa. As moléculas infinitas que a compõem realizam um trabalho enorme; umas tendem a se agregar, outras a se separar; e essa lenta transformação inicialmente causa espanto e depois admiração ao pesquisador que acha em tudo instintos diversos e mistérios a explorar. E se a Terra assim se agita em suas entranhas, é que esse grande cadinho elabora e prepara o ar que respirais, os gases que devem sustentar a Natureza inteira. É que ela imita os milhões de planetas que percebeis no espaço, e cujos movimentos diários, o trabalho contínuo, obedecem à vontade soberana. Sua evolução é matemática, e se encerram outros elementos além dos que vos fazem agir, ide! crede-o, esses elementos trabalham a sua depuração, a sua perfeição.

Sim, a sua perfeição; porque é a palavra eterna. A perfeição é o objetivo e, para alcançá-lo, átomos, moléculas, seiva, minerais, árvores, animais, homens, planetas e Espíritos se empenham nesse movimento geral, que é admirável por sua diversidade, pois é harmonia. Todas as tendências visam ao mesmo objetivo, e esse objetivo é Deus, centro de toda atração.

Depois de minha partida da Terra, minha missão não está realizada. Busco e trabalho todos os dias; meu pensamento alargado abarca melhor o poder dirigente; sinto-me melhor fazendo o bem e, como eu, legiões inumeráveis de Espíritos preparam o futuro. Não acrediteis no repouso eterno! Os que pronunciam tais palavras não lhes compreendem o vazio. Vós

todos que ouvis, podeis aniquilar o pensamento, forçá-lo ao repouso? Oh! não; a vagabunda procura e procura sempre e não desagrada aos amáveis e úteis charlatães, que negam o Espírito e o seu poder. O Espírito existe, nós o provamos e o provaremos melhor quando chegar a hora. Nós lhes ensinaremos, a esses apóstolos da incredulidade, que o homem não é o nada, uma agregação de átomos reunidos ao acaso e destruídos da mesma forma. Nós lhes mostraremos o homem radiante por sua vontade e seu livre-arbítrio, senhor de seus destinos e elaborando na geena terrena o poder da ação necessária a outras vidas, a outras provas.

Sonnez

Notas Bibliográficas

NO PRELO, PARA APARECER EM ALGUNS DIAS:

O Evangelho segundo o Espiritismo por Allan Kardec

3ª edição

REVISTA, CORRIGIDA E MODIFICADA

Esta edição foi objeto de um remanejamento completo da obra. Além de algumas adições, as principais alterações consistem numa classificação mais metódica, mais clara e mais cômoda das matérias, o que torna sua leitura e as buscas mais fáceis.

A “*Gazette du Midi*” perante o Espiritismo

A PROPÓSITO DOS IRMÃOS DAVENPORT

ESTUDO FILOSÓFICO

Por Ernest ALTONY

Brochura in-8^o. Preço: 1 fr.; pelo Correio: 1 fr. 20. – Marselha, livraria Mengelle, 32 *bis*, rue Longue-des-Capucins

Venda em benefício das famílias vítimas da cólera. Para receber a brochura basta enviar 1 fr. 20 c. em selos postais ao Sr. Altony, na livraria do Sr. Mengelle, em Marselha.

Aviso

O Sr. Ledoyen, livreiro em Paris (Palais-Royal) retirou-se dos negócios. Como não tem sucessor, todos os pedidos de assinatura ou outros que lhe forem dirigidos serão considerados sem efeito.

Allan Kardec